

Climax

Simple Proposition

pela Compagnie 7273

GRUPO CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

Culturgest

DANÇA 15 E 16 DE MARÇO DE 2006

21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração 45 minutos

Criação 2006 **Conceito e Coreografia** Laurence Yadi e Nicolas Cantillon

Desenho de luz Jean-Philippe Roy **Operação de luzes** Florian Bach **Interpretação** Nicolas Cantillon ou Laurence

Yadi **Construção do cenário** Sylvia Faleni **assistida por** Cédric Bach e Maria Galvez

Assistente de produção Baptiste Lefebvre **Administração** Véronique Maréchal

Produção Compagnie 7273 (Suíça - França) **Co-produção** Culturgest (Lisboa) e O Espaço do Tempo (Montemor-o-Novo)

Apoios Pro Helvetia - Arts Council of Switzerland, Cidade de Genebra, Cantão de Genebra, Loterie Romande, Stanley Thomas Johnson Foundation (Suíça) e DRAC Rhône-Alpes (França). A Compagnie 7273 tem uma parceria com a Fondation Nestlé pour l'Art.

Espaços de trabalho ADC Genève (Suíça), Flux Laboratory Carouge (Suíça), Arsenic Lausanne (Suíça), O Espaço do Tempo Montemor-o-Novo (Portugal)

Agradecimentos Richard Afonso, David Akuwe, Emilio Artessero, Michel Beuchat, Florence Chappuis, Aline Courvoisier, Anne Davier, Daniel Demont, Marc Gaillard, Yann Gioria, Mariene Grade, Graziella Jouan, Stéphane Jouan, Bruno Heynderickx, Miguel Honrado, Rui Horta, Myriam Kridi, Sandrine Kuster, Noemi Lapzeson, Yona Lee, Eric Linder, Jacques Maugein, Gil Mendo, Anne-Pascale Mittaz, Perceuse Productions, Murielle Perritaz, Jean Prévost, Claude Ratzé, Rosmarie Richner, Nicole Simon Vermot, Andrienne Soutter, Simon Soutter, Maren Rieger, Thierry Spicher, Joseph Trefeli. M.I.A, The Roots.



Climax

Climax. Uma palavra com muitas conotações. Significando, nos domínios científico, artístico e sexual, o momento final, ou o mais intenso, de uma evolução, desperta habitualmente grandes expectativas. O que devemos então esperar de um trabalho com este título? Que este espectáculo anuncie um apogeu? Se for esse o caso, que forma tomará? O que significa um climax numa criação coreográfica contemporânea? Quando acontecerá e como o reconheceremos? Ao contrário do cinema, que pode recorrer, com a máxima eficácia, a algumas receitas de sucesso comprovado, a dança contemporânea não dispõe de processos miraculosos para satisfazer as expectativas do seu público. O que nos propõe então a Companhia 7273 com o título da sua última criação?

Para Laurence Yadi e Nicolas Cantillon, o climax é, antes de mais, um tema a tratar. Assim, no espectáculo, aparecem imagens de climaxes pertencentes aos mais diversos domínios: a crucificação de Cristo, a explosão de alegria do jogador ou do adepto no momento do golo, a saudação de Hitler ou de James Bond, o empunhar de uma arma.

De seguida, o climax, concebido como um cume a atingir, torna-se a razão para dançar. Contudo, paradoxalmente, não é desejável atingi-lo de facto, porque o resultado seria apenas o prelúdio de um declínio. É preciso jogar com o “contra-objectivo” para manter o ‘momentum’.

Climax propõe assim vários climaxes, mas não da forma que poderíamos esperar. Colocada bem no centro de um palco dividido ao meio por uma cortina, a dança desenrola-se como a fita de uma bobine; sem pausa, mas também sem efeitos ou graduação de emoções. Interpretado por um ou outro dos coreógrafos, o espectáculo é um solo em que o fluxo constante do

movimento parece brotar dos movimentos circulares do pélvis do bailarino. A referência ao climax orgásmico, obviamente presente, não leva a qualquer alteração de ritmo. É uma espécie de progressão fria.

Ou uma compressão, explica Nicolas Cantillon sobre esta terceira criação, que parece opor-se radicalmente a *Simple Proposition*, o anterior trabalho. Recordamos este espectáculo anterior, que se desenvolvia através de imagens fixas, com muitas pausas e paragens abruptas. *Climax* também não se apoia na disposição reflexiva e cómica de *La vision du Lapin*, a primeira criação deles, que causou furor. E no entanto o trabalho dos coreógrafos é reconhecível – principalmente no hiato entre as expectativas criadas e as proposições apresentadas em cena. O que provoca é uma sorridente reflexão, que substitui com vantagem a ovação e que continua muito para além do fim do espectáculo. Por outras palavras, é reconhecível o humor característico desta companhia, o oposto de uma arte depressiva denunciando os males do mundo.

Myriam Kridi

DANÇA 17 DE MARÇO DE 2006

21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração 55 minutos

Criação 2005 **Conceito, Coreografia e Interpretação** Laurence Yadi e Nicolas Cantillon

Desenho de som Eric Linder **Desenho de luz** Daniel Demont **Operação de som e luz** Yann Gorla

Colaboração artística Daniel Demont, Edouard Levé e João Fiadeiro **Administração** Véronique Maréchal

Produção Compagnie 7273 (Suíça - França) **Co-produção** Château Rouge em Annemasse (França) e Villa Bernasconi em Lancy (Suíça)

Apoios Cidade de Genebra - Departamento dos assuntos culturais, DRAC Rhône-Alpes, Pro-Helvetia - Arts Council of Switzerland, Fondation Nestlé pour l'Art, Stanley Thomas Johnson Foundation, Fonds Mécénat SIG e Schweizerische Interpreten-Stiftung. A Compagnie 7273 tem uma parceria com a Fondation Nestlé pour l'Art.

Espaços de trabalho O Espaço do Tempo - Rui Horta (Portugal), Château Rouge (França) e ADC Genève (Suíça), Arsenic, Flux Laboratory, Théâtre de l'Usine (Suíça)



Uma Simples Proposição

A companhia 7273 tem o dom dos títulos engenhosos, falsamente ingénuos. Uma simples proposição, no fundo, não se compromete com nada.

Mas, verdadeira ou falsa, é pegar ou largar. Lançado o dilema, a simplicidade desaparece e é então que se insinua o veneno da dúvida: haverá concordância com os termos da proposição?

Haverá um termo? Nada é menos certo.

É justamente deste carácter aleatório da proposição que a companhia 7273 se ocupa. Da sua fragilidade ontológica. Ela não pretende provar nada: “as provas fatigam a verdade” (Braque)

Contenta-se em ser possível, em ser admissível. Porque mantém uma relação com essa verdade, essa harmonia mitigada; relação parcial, fragmentária, parte dum todo original que é preciso reconstituir.

De uma vez, as premissas da proposição ajustam-se, ligam-se entre si de acordo com uma ordem que é suposto dar forma e razão de ser ao objecto. Mas a resolução por meio dessa ordem encontrada acaba sempre por se esquivar. A companhia 7273 leva até ao limite a sua nostalgia da resolução: no horizonte, como um ponto de fuga, mas só à maneira de Francis Ponge, a paixão da expressão.

Negro sobre fundo amarelo; escrito com todas as letras sobre as t-shirts que trazem vestidas: um duo. É o que eles são e é o que fazem. Podia acabar tudo aqui, tanto a palavra “duo” é propícia à definição tautológica: um duo é uma coisa feita a dois. E está tudo dito.

Salvo que ser dois nunca é mais do que um preliminar, uma condição para servir determinado propósito, uma proposição. As premissas desta proposição poderiam ser fornecidas pelo significado metalúrgico, em francês, da palavra “duo” (um lami-

nador com dois cilindros): “uma máquina com a qual se pode reduzir a secção de um produto através de sucessivas passagens entre dois cilindros” (Larousse).

Em francês, portanto, um “duo” é também um instrumento metalúrgico que serve para desbastar, que reduz o produto à sua expressão mais simples.

Esta proposição simples, desprendida, trabalha a forma do dueto com a mesma precisão daquele instrumento: opera uma sucessão de gestos, poses, imagens seccionadas, antecipadas, isoladas da economia do movimento e do seu fluxo, privadas de causalidade imediata, descontextualizadas. Fragmentar, retalhar: prática desviante aparentada à do fetichista que se precipita sobre a parte mais do que sobre o todo.

Vertigem da elipse temporal que nos permite vislumbrar restos do invisível, estados intermédios e insustentáveis, sujeitos em princípio à tirania da forma: “É preciso desagregar o universo, perder o respeito pelo todo” (Nietzsche).

Resta que, a não ser que se anulem uma vez exumados, as partículas, os restos, as secções e os fragmentos acabam, com o tempo, por constituir um conjunto, uma ordem, uma escrita. No tempo reencontrado da representação escreve-se a gesta de dois bailarinos à procura do seu posicionamento: cada um deles procurando o seu lugar, insistindo, lançando-se e relançando-se contra os limites do palco, cada um pondo-se à prova em face do poder de atracção do solo, cada um gravitando em torno da órbita do outro, que permanece inalcançável... Cada um desejando o duo.

Graziella Jouan

LAURENCE YADI nasceu a 5 de Julho de 1973 em Argenteuil, França, iniciou a sua formação em dança aos 13 anos e foi bolseira em Paris e em Nova Iorque. Entre 1992 e 1996 dançou com o Ballet J.Art de Paris. Em 1997 recebeu o primeiro prémio do concurso Synodales. Em 1999 parte para a Alemanha, onde é bailarina de Karen Effenberger e Vera Sander e assistente de Rui Horta. No mesmo ano instala-se na Suíça, onde trabalha com Guilherme Botelho, Bruno Steiner, Heidi Kopfer e Gisela Rocha. Em 2003 participa no projecto Colina, em Portugal (O Espaço do Tempo, Montemor-o-Novo). Ao longo do seu percurso artístico colaborou ainda, entre outros, com Julião Sarmento e Edouard Levé.

NICOLAS CANTILLON nasceu a 20 de Julho de 1972 em Melun, França, e iniciou a sua formação em dança no Conservatório Marius Petipa em 1989. Um ano depois é contratado pelos Ballets J.Art de Paris, onde permanecerá oito anos. Em 1999, Andy Degroat contrata-o para a *Flauta Mágica*, encenada por Bob Wilson na Opéra Bastille. No mesmo ano instala-se na região de Genebra para trabalhar com a companhia Alias, dirigida pelo coreógrafo Guilherme Botelho. Em 2003, Rui Horta convida-o a participar no projecto Colina (O Espaço do Tempo, Montemor-o-Novo), onde encontra Julião Sarmento, com quem colabora numa instalação.

A **COMPANHIA 7273** foi criada por Laurence Yadi e Nicolas Cantillon em Dezembro de 2000. As duas anteriores criações, *La vision du lapin* (2003) e *Simple Proposition* (2004) tiveram, respectivamente, 34 e 25 apresentações numa dezena de países. Em 2005, Laurence Yadi e Nicolas Cantillon co-realizaram a curta-metragem *Durée déterminée*.

A Compagnie 7273 tem uma parceria com a Fondation Nestlé pour l'Art.

Esta digressão da Companhia 7273 é apoiada por Pro Helvetia – Arts Council of Switzerland

PRÓXIMO ESPECTÁCULO

TEATRO 21 E 22 DE MARÇO

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h40

Sucata Sisters Sarrabulho

De Hanneke Paauwe.

*Um espectáculo do Teatro
Regional da Serra do
Montemuro*

Inspirado nos melodramas do século dezanove,
nos filmes mudos e nas baladas country,
Sucata Sisters é de um humor terrivelmente negro.
O confronto do urbano e do rural,
do feminino e do masculino,
do civilizado e do primitivo,
deixa-nos com um espectáculo que nos assusta e que
nos entretém,
que nos comove e nos faz pensar...
Será possível?
Mas a verdade é que é.
A verdade é pior do que o nosso imaginário.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm
acesso ao Parque de Estacionamento da Caixa
Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente Manuel José Vaz

Vice-Presidente Miguel Lobo Antunes

Vogal Luís dos Santos Ferro

Assessores

Gil Mendo (Dança)

Francisco Frazão (Teatro)

Miguel Wandschneider (Arte Contemporânea)

Raquel Ribeiro dos Santos (Serviço Educativo)

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blazquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

António Sequeira Lopes (Produção e Montagem)

Paula Tavares dos Santos (Produção)

Susana Sameiro (Culturgest Porto)

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Rita Conduto (estagiária)

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Audiovisuais

Américo Firmino (Chefe de Imagem)

Paulo Abrantes (Chefe de Audio)

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (Chefe)

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira (Chefe)

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Moraes Bastos

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Joana Marto

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Culturgest, uma casa do mundo.

Informações 21 790 51 55

Edifício Sede da CGD, Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

culturgest@cgd.pt • www.culturgest.pt

